

Sufragistas em embate: análise bakhtiniana de *As Sufragistas*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3910>

Carolina Gomes Sant'ana¹

Resumo

Este artigo utiliza o enunciado artístico *As Sufragistas* (2015) como objeto de análise para entender como ocorrem os embates de vozes sociais e forças representantes de ideologias conflitantes dentro de uma sociedade, neste caso, o feminismo que luta pelo sufrágio feminino e o machismo de uma sociedade sistematicamente patriarcal. Entende-se que o filme, como enunciado artístico, carrega em si as ideologias da realidade, ressaltando a relação constitutiva e responsiva entre arte e vida, como reflexo e refração uma da outra. Observa-se como dentro da narrativa signos ideológicos são ressignificados ao serem utilizados por sujeitos de ideologias contrastantes ao serem colocados na arena de embates da linguagem e comunicação social. O estudo é embasado pela teoria do Círculo de Bakhtin, além de trazer estudiosas feministas para lidar com questões referentes ao feminismo da obra.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; ideologia; voz social; feminismo.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil; carolgs03@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-0121-556X>

Suffragettes in conflict: Bakhtinian analysis of *Suffragette*

Abstract

This article uses the artistic utterance *Suffragette* (2015) as an object of analysis to understand how the clashes of social voices and forces representing conflicting ideologies occur within a society, in this case, feminism that fights for women's suffrage and the misogyny of a systematically patriarchal society. It is understood that the film, as an artistic utterance, carries within itself the ideologies of reality, highlighting the constitutive and responsive relationship between art and life, as a reflection and refraction of one another. It is observed how, within the narrative, ideological signs are resignified when used by subjects of contrasting ideologies as they are placed in the arena of struggles of language and social communication. The study is based on the theory of the Bakhtin Circle, in addition to bringing feminist scholars to deal with issues related to the work's feminism.

Keywords: Bakhtin Circle; ideology; social voice; feminism.

Introdução

Esta análise é baseada em um pequeno recorte feito na dissertação de mestrado da autora (Sant'ana, 2022), que inclui o estudo de mais dois filmes além do escolhido para o *corpus* deste texto. Porém, este é um trabalho original, redigido a partir da apresentação de comunicação oral no 70º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), realizado em julho de 2024, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Enquanto o texto da dissertação foca em analisar os três filmes do *corpus* (*Revolução em Dagenham*, *Mulheres Divinas* e *As Sufragistas*) de forma dialógica, ou seja, na relação responsiva entre as três obras, em um panorama histórico do movimento feminista e suas origens (principalmente sobre a primeira e segunda onda feminista), este texto visa focar apenas em *As Sufragistas* e na relação dialógica que estabelece com o contexto contemporâneo.

A teoria do Círculo de Bakhtin enfatiza a importância da relação arte e vida, já que ambos se influenciam, se respondem mutuamente, sendo reflexo e refração uma da outra: reflexo, pois é uma representação daquilo que se mostra e refração, pois essa refração não é nunca idêntica, é sempre uma nova enunciação alterada pela situação de enunciação e pelo lugar que ocupa o sujeito que enuncia. Assim, ao olharmos para enunciados artísticos, estamos olhando para a realidade, para o "mundo real", representado de uma nova forma, mas carregando os valores, as ideologias do mundo, mas que passa pela lente, do ponto de vista, do autor-criador. "Se uma obra é realmente profunda e atual, o crítico e o leitor se reconhecem a si mesmos, seus problemas, seu vir a ser ideológico

peçoal (suas "buscas"), reconhecem as contradições e conflitos do seu próprio horizonte ideológico que é sempre vivo e sempre complexo" (Medviédev, 2012, p. 63).

Assim sendo, esta análise utiliza o filme *As Sufragistas*² (2015) como *corpus* a ser estudado. O filme, que se passa em Londres, em 1912, apresenta a entrada de mulheres da classe trabalhadora no movimento feminista, que neste momento histórico lutava pelo sufrágio feminino. A narrativa acompanha Maud, funcionária de uma lavanderia que ao acaso descobre o movimento feminista ao ver uma ativista manifestando na rua, perto de seu trabalho. Apesar de o movimento ser visto de forma extremamente negativa pela sociedade naquele contexto, Maud se interessa pela causa e vai assistir um discurso de Emmeline Pankhurst. A partir daí, ela é classificada como sufragista pela polícia e passa a ser perseguida, e quanto mais Maud se envolve com o movimento, mais consequências e mais tentativas de silenciamento ela sofre da polícia e da sociedade, a ponto de perder seu marido e por consequência, seu filho, já que neste momento o filho era visto como propriedade do pai. O filme foi escolhido por retratar o embate de ideologias feministas³, mais especificamente sufragistas, em embate constante com a ideologia conservadora e patriarcal⁴ da sociedade, além de representar também como elas se materializam no discurso, no enunciado, sempre responsivo a enunciados passados e futuros.

Cabe aqui destacar que nesta análise o autor-criador de um filme é considerado o diretor, já que, apesar de ser uma obra que envolve diversas pessoas e equipes em sua criação, essas são escolhidas pelo diretor, e trabalham para seguir sua visão criativa e artística, transformando-a em realidade material. Concomitantemente, entende-se que a câmera assume o papel de narradora da obra, já que é por ela que entramos na realidade da narrativa, é o seu ponto de vista que podemos contemplar e só podemos acessar esse mundo da história pelo que ela nos dá acesso.

2 Título original: *Suffragette*; estreia: 4 setembro 2015; direção: Sarah Gavron; roteiro: Abi Morgan; gêneros: drama, histórico; companhias de produção: Ruby Films, Pathé e Film4 (IMDb).

3 Define-se aqui o feminismo como movimento social ideológico que se opõe ao machismo sistemático hegemônico, e luta para obter mudanças sociais e sistemáticas (inclusive legislativas, como pode ser visto no filme analisado), que garantam igualdade social e legislativa para mulheres, para que não sejam mais oprimidas e violentadas, como são dentro do sistema patriarcal que as discrimina e as segrega para o espaço doméstico e papel de subordinada ao homem, por conta de uma suposta inferioridade natural. Destaca-se que é tradicionalmente dividido em "ondas", cada uma se passando em um momento histórico, com causas relevantes aos seus contextos específicos.

4 Entende-se aqui o sistema patriarcal como aquele que, historicamente, foi o hegemônico, abrangendo não apenas os espaços domésticos, mas também mantendo um controle hierárquico e sistemático, pelo uso de legislações que não atribuíam direitos às mulheres, designando espaços de poder (como política, religião, ciências, entre outros) como sendo exclusivamente pertencentes a homens, e fazendo com que a própria sociedade atuasse na manutenção deste sistema, impondo a subordinação e dominação das mulheres, inclusive com o uso de violência (verbal, física, sexual, simbólica e institucional), fazendo com que fossem coagidas ao papel silencioso e escondido de "dona-de-casa", passiva e submissa. Este sistema naturaliza a suposta inferioridade da mulher com justificativas religiosas e biológicas (mesmo que sem embasamento científico concreto). No decorrer do texto, o termo "machismo" também será utilizado como sinônimo deste sistema.

Fundamentação teórica

Pode-se compreender pelos estudos do Círculo de Bakhtin que o signo isolado, fora do movimento da linguagem viva, é neutro. Entretanto, quando os sujeitos utilizam este signo, materializando-o na linguagem, ele recebe carga ideológica e valorativa; o signo passa a significar algo fora de si, que reflete e refrata valores e ideologias externas a si mesmo (Volóchinov, 2018). Quando esse signo ideológico é compreendido pelo ouvinte e entra em sua consciência, ele recebe nova valoração ideológica, de acordo com as ideologias ali existentes.

Essa multiacentuação do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da disputa de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em um objeto de análise filológica e não da interpretação social viva (Volóchinov, 2018, p. 113).

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; [...] toda compreensão é prenhe de resposta [...] (Bakhtin, 2011, p. 271).

Isso porque a consciência é constituída de ideologias, com as quais o sujeito entra em contato no decorrer de sua existência, pelas relações que estabelece com outros sujeitos e com o mundo ao seu redor, com os mais diversos tipos de enunciados e valores, com os quais ele pode concordar ou discordar em diferentes níveis. Portanto, o sujeito não pode ser entendido como um ouvinte passivo, já que sempre responde aos enunciados, mesmo que não instantaneamente. A resposta também não é necessariamente verbal, pode ser um gesto, uma expressão facial, ou até mesmo uma outra manifestação de linguagem num futuro próximo ou distante.

Desta maneira, a interação social se torna uma arena de embate de ideologias divergentes, produzidas por sujeitos que assumem vozes sociais que representam essas ideologias. É possível que um sujeito assuma uma voz social que não seja a do seu grupo, e que atue em detrimento de seu grupo e conseqüentemente de si mesmo, como por exemplo uma mulher que assume a voz social do machismo: ao assumir uma voz social que defende o patriarcado, essa mulher está ativamente indo contra seus próprios direitos, preservando um sistema que a oprime. Entretanto, como o sujeito, sua consciência se constitui pelas ideologias e valorações com as quais se tem acesso no decorrer da vida, destaca-se a importância de divulgar ideologias subversivas (tal como a feminista) para que todos os sujeitos possam ter acesso a ela. Claro que apenas ter o contato com essas ideologias de resistência, que lutam por uma sociedade menos opressora, não vai necessariamente

fazer com que todos os sujeitos assumam essas ideologias e valorações. Porém, cabe ao sujeito ser ético e responsável, e ativamente se posicionar e agir em prol do que é justo, pelo fim de sistemas discriminatórios e uma sociedade cada vez mais unida e igualitária. De acordo com Bakhtin (2011, p. XXXIV), “O indivíduo deve-se tornar inteiramente responsável: todos os seus momentos não só devem estar lado a lado na série temporal de sua vida, mas também penetrar uns os outros na unidade da culpa e da responsabilidade.” Isso porque cada sujeito ocupa um lugar único na existência, tem uma visão exclusiva, assim, cabe a cada um utilizar sua posição única no mundo de forma positiva e empática, tentando se colocar no lugar do outro para compreender a dor do outro. A compreensão completa nunca será possível, já que é impossível que o sujeito consiga abandonar sua historicidade constitutiva e sua lente única do mundo, assim como é impossível assumir a posição e visão do outro, mas cabe a responsabilidade de tentar se aproximar dessa vivência do outro da melhor forma possível, entendendo-a o máximo que puder, para que possa agir de forma empática e ética com o outro.

Enunciados artísticos permitem que o contemplador de uma obra possa compenetrar-se numa narrativa, vendo semelhanças entre si e os personagens e compreendendo, até certo ponto, as visões de mundo desses personagens, e assim, o contemplador pode ter acesso a realidades que ele não teria em sua vida, tornando-se clara então a importância de estudar a relação arte e vida. Quando consideramos que o cinema é uma esfera artística que faz parte do cotidiano das mais diversas pessoas, nota-se a necessidade de utilizar esses enunciados para apresentar diferentes ideologias além das dominantes para que mais sujeitos possam ter acesso a ideologias subversivas, que eles talvez não encontrariam em seu cotidiano normal. Contudo, vale ressaltar que o filme aqui analisado, assim como diversos outros que fazem parte da cultura popular, são parte de uma produção *hollywoodiana*, de uma indústria milionária que pertence às elites, e por isso, atende suas necessidades e tipicamente utiliza esses filmes para divulgar e normalizar as ideologias dominantes e conservadoras. Houve, todavia, nos últimos anos uma demanda social crescente para que essa indústria apresentasse histórias e valorações diferentes, com sujeitos que não são frequentemente retratados na mídia. Assim, na década de 2010 há um aumento na produção de obras de cunho feminista, assim como o filme *As Sufragistas*, que surge nesse período, por conta dessa exigência popular de melhor representação feminina e feminista.

Este embate de forças (Melo, 2010) se materializa nas esferas de interação e produção social. As vozes que assumem ideologias revolucionárias, que buscam mudanças sistemáticas, que vêm da base para a superestrutura, são as forças centrífugas. Já as vozes que visam manter a hegemonia, a manutenção do sistema existente, que vem da superestrutura para a base, são as forças centrípetas. Essas forças duelam constantemente, se respondendo e se alterando, e conforme uma ganha força, a outra aumenta seu vigor para que possa responder ao mesmo nível, ambas tentando superar e silenciar a outra para mudar ou manter a estrutura social. Essas forças, assim como as ideologias que as sustentam, são construções humanas, frutos de sociedades hierarquicamente organizadas.

Metodologia

Entende-se aqui o filme como um enunciado verbivocovisual (Paula, 2017), ou seja, um enunciado composto por linguagens materializadas de diferentes formas, nas dimensões verbais, visuais e sonoras, e todas elas são carregadas de significados e ideologias que devem ser consideradas irrepártidas para poder entender o enunciado como um todo pleno de sentido (Volochnov, 2013). A dimensão verbal se materializa nas falas dos personagens; a visual, em itens como expressões faciais e movimentos corporais, ângulos de câmera, iluminação, cores, cenários, figurinos e maquiagem; e a sonora, na entonação das vozes, sons de fundo, música e efeitos sonoros.

Ao descrever e analisar um enunciado verbivocovisual que apresenta todas essas linguagens em um texto escrito, surgem desafios advindos das limitações de apresentar essas linguagens em uma materialidade que não consegue representá-las de forma fiel. Assim, como metodologia para análise, será usada a transcrição das falas acompanhadas de descrições de aspectos visuais e sonoros da cena para melhor representá-la. Também são utilizados *prints* de tela para demonstrar os aspectos visuais estáticos (como cores, cenários, figurinos, dentre outros) como uma sequência de *prints* de tela quando se busca mostrar o movimento dos personagens ou da câmera. O *software* Adobe Color é utilizado para extrair a paleta de cores de determinadas cenas para que possa ser analisada de forma mais clara e detalhada.

Análise

Este texto utiliza algumas cenas do filme para análise por conta da limitação do formato. As cenas selecionadas apresentam momentos em que as ideologias que são mostradas em embate dentro da obra atuam, como a propagação da ideologia feminista pode atingir novos públicos incentivando a participação no ativismo pela causa sufragista, mas também como sujeitos que assumem e representam vozes sociais patriarcais agem para suprimir essas vozes rebeldes.

O filme se passa em um momento que as ativistas sufragistas passam a incentivar uma campanha de atos de desobediência civil para que suas vozes e suas demandas sejam ouvidas e acatadas, já que protestos pacíficos eram ignorados. A cena transcrita e descrita abaixo mostra o primeiro grande protesto que a protagonista da história, Maud, acompanha, sendo ele uma rara aparição de Emmeline Pankhurst⁵, que neste momento estava foragida da polícia.

5 Emmeline Pankhurst foi uma mulher que de fato existiu, e foi uma das fundadoras do movimento sufragista na Inglaterra, no final do século XIX.

[Pankhurst diz sorrindo para a multidão que a aplaude] Minhas amigas, apesar do governo de Vossa Majestade, estou aqui esta noite. [Seu tom de voz se torna sério] Eu sei os sacrifícios que vocês fizeram para estarem aqui. Muitas de vocês, eu sei, se afastaram da vida que tinham. No entanto, eu sinto seus espíritos essa noite. Durante cinquenta anos lutamos pacificamente para garantir o voto das mulheres. Fomos ridicularizadas, agredidas e ignoradas. Agora percebemos que ações e sacrifícios devem ser a ordem do dia. [O discurso pausa e a câmera muda e mostra policiais indo prender Pankhurst. Então a cena retorna para o discurso] Lutamos pelo momento em que toda garotinha que nascer no mundo tenha uma oportunidade igual a de seus irmãos. [a câmera mostra Maud com expressão maravilhada no rosto ouvindo o discurso] Nunca subestimem o poder que nós mulheres temos de definir nossos próprios destinos. Nós não queremos infringir a lei, queremos fazer as leis. [A câmera torna a mostrar os policiais se aproximando do local do discurso] Sejam militantes. Cada uma de sua própria forma. As que podem quebrar vidraças, quebrem-nas. As que podem atacar o ídolo sagrado da propriedade ainda mais, façam. Não nos resta outra alternativa além de desafiar este governo. [Em meio a aplausos, ouve-se o apito anunciando a chegada da polícia] Se devem ser presas para obter o voto, que sejam as vidraças do governo, não os corpos das mulheres à serem quebrados. [As mulheres da multidão começam a tentar escapar para não serem pegadas pela polícia] Eu incito essa reunião e todas as mulheres da Grã-Bretanha a se rebelarem. Eu prefiro ser uma rebelde a ser uma escrava." [00:44:16 - 00:46:20 (tradução própria⁶)]

A militância de Pankhurst, e das outras feministas, é resposta direta ao sistema patriarcal hegemônico do contexto sócio-histórico-político da narrativa, em que as mulheres não tinham direitos de voto ou de posse, condenando-as a uma vida sendo consideradas como sub humanas, inferiores aos homens detentores dos direitos. A cena demonstra como pela linguagem se concretizam valores ideológicos, se demonstram posicionamentos emotivos-volitivos. Já na construção dos aspectos visuais da cena (mostrados na Figura 1), destaca-se o sentimento de acolhimento e esperança que a manifestação transmite às mulheres ali presentes, apresentado pelo movimento da câmera, que faz a alternância entre Pankhurst discursando e os rostos das mulheres na audiência, para que seja visto como essas mulheres reagem à fala da primeira, como suas expressões faciais se alteram ao ouvir o chamado para a luta. Simultaneamente, ao alterar a câmera para os policiais

6 No original: "My friends, in spite of His Majesty's government, I am here tonight. I know the sacrifice you have made to be here. Many of you, I know, are estranged from the lives you once had, yet I feel your spirit tonight! For 50 years, we have labored peacefully to secure the vote for women. We have been ridiculed, battered and ignored. Now we have realized that deeds and sacrifice must be the order of the day. We are fighting for a time in which every little girl born into the world will have an equal chance with her brothers. Never underestimate the power we women have to define our own destinies. We do not want to be law breakers. We want to be lawmakers. Be militant, each of you in your own way. Those of you who can break windows, break them. Those of you who can further attack the sacred idol of property, do so. We have been left with no alternative, but to defy this government. If we must go to prison to obtain the vote, let it be the windows of government, not the bodies of women, which shall be broken. I incite this meeting, and all the women in Britain to rebellion. I would rather be a rebel than a slave." [00:44:16 - 00:46:20]



que se aproximam, é realçado como aquela reunião é um ato de rebeldia política que não passará impune, é prenúncio da violência que se aproxima cada vez mais, gerando no contemplador do filme a sensação de tensão, de medo pelo destino destas mulheres que correm risco de sofrer punições severas das instituições de manutenção do sistema patriarcal (neste caso, a polícia). Essa alternância do movimento da câmera narradora gera então um contraste entre as respostas de um discurso rebelde: a sensação de esperança gerada nas mulheres que escutam *versus* a repressão violenta que busca silenciar e exterminar atos subversivos.

A cena se passa durante a noite, então é escura (o que dialoga com o resto do filme, que tem um teor sombrio causado por imagens com pouca iluminação), escuridão essa que se associa com o contexto soturno que vivem. Todavia, a luz na cena é amarelada (como pode ser visto na Figura 2, que mostra a paleta de cores da cena), quente, causa uma ideia de calor e segurança no meio da noite tenebrosa. Não por acaso essa luz que acalenta brilha diretamente nos cartazes e rostos das mulheres assistindo, que sorriem ao sentirem que fazem parte de um coletivo, que são tomadas por crescente esperança de um futuro melhor e mais justo ao ouvirem as falas de Pankhurst, que é a que está mais iluminada na cena, logo em frente à fonte de luz, quase como se a luz que brilha sobre as mulheres viesse dela mesma. A ativista também discursa com um sorriso amigável, fazendo movimentos amplos e lentos com as mãos, o que intensifica a ideia de que ela está ali como figura amiga, que tem os mesmos objetivos e luta pelas mesmas causas, e recebe as novas militantes de forma carinhosa.

Figura 1. Emmeline Pankhurst faz discurso para uma multidão de sufragistas, incentivando atos de desobediência civil na luta por direitos



Fonte: Sequência de *prints* de tela feita pela autora: [00:43:46], [00:43:50], [00:43:53], [00:44:00], [00:44:07], [00:44:08], [00:44:16]

Figura 2. Paleta de cores da Figura 1



Fonte: Adobe Colors, 2024

Ela utiliza o discurso como forma de atingir um grande público para incentivá-lo a lutar por mudanças sistemáticas que levarão à maior igualdade para as mulheres. Nota-se também como ela atribui carga positiva aos signos ideológicos “militantes” e “rebelde” (e consequentemente outras palavras semelhantes, que remetem a essas mulheres participantes do movimento) ao utilizá-los na linguagem viva, associando essas “militantes” e “rebeldes” com ideias de justiceiras, independentes e mulheres que devem fazer o que for necessário pelo bem maior.

Entretanto, para os sujeitos que assumem voz social machista, esses signos referentes a mulheres ativistas recebe carga valorativa negativa, sendo associado a conceitos como “vadia”, “arruaceira” e “rebeldes sem causa”, como pode ser visto nas cenas transcritas abaixo:

[Maud e seu marido Sonny, conversando antes de se deitar para dormir. Sonny]: Você é uma sufragista agora? Uma daquelas arruaceiras? [Maud]: Não. [Sonny]: A senhora Miller é. E você sabe como eles gostam de falar. Se passar seu tempo com ela, é disso que te chamarão. [Eles se deitam. Maud está chateada com a falta de apoio do marido. Ele a abraça e diz]: Só estou cuidando de você, Maud. [00:24:26 - 00:24:49 (tradução própria⁷)]

[Após a participação de Maud no manifesto das sufragistas, em que é pega pela polícia e levada de volta para casa como vândala, outros homens que trabalham com Sonny gritam para ele]: “Sua esposa é uma desgraça, Sonny. Você devia estar mantendo-a sob controle. A polícia está mandando essas vadias para seus joelhos.” [00:33:53 - 00:35:00 (tradução própria⁸)]

A cada utilização, o signo se altera, sendo único e irreproduzível, por existir num contexto único e ser produzido por sujeitos que ocupam lugares únicos, assim, entende-se que o signo, quando é colocado na linguagem, ou seja, não está isolado onde é apenas potencialidade, não pode nunca ser neutro, já que os sujeitos que o utilizam não podem ser neutros. Segundo Volóchinov (2018, p. 117),

Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a mim e ao outro; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita de que ocupemos uma posição singular no acontecimento único da existência, de que nos encarnemos. Todo juízo de valor é sempre uma tomada de

7 No original: “[Sonny]: You a suffragette now? One of those punks? [Maud]: No [Sonny]: Well, Mrs. Miller is. You know how they like to talk. You spend your time with her, that’s what they’ll call you. I’m only looking out for you, Maud.” [00:24:26 - 00:24:49]

8 No original: “Your wife is a fucking disgrace, Sonny. You should be keeping her under control. Police are bringing these bitches to their knees.” [00:33:53- 00:35:00]

posição individual na existência; até Deus precisou encarnar-se para amar, sofrer e perdoar, teve, por assim dizer, de abandonar o ponto de vista abstrato sobre a justiça.

Nesse jogo de ressignificação dos signos ideológicos utilizados para referenciar essas mulheres, se torna evidente como ele reflete e refrata os valores das sociedades e dos sujeitos que os utilizam, como a ressignificação constante desses signos materializados nas palavras é a concretização dos embates entre as ideologias feministas e machistas, e representam uma luta maior pela mudança ou manutenção do sistema hegemônico patriarcal. Porém, esse embate concretizado na linguagem também ocorre de outras maneiras, em outras esferas. Ao serem nomeadas como sufragistas, as ativistas passam a sofrer com exclusão de outros membros da sociedade que assumem a voz social patriarcal, mas também sofrem violência da polícia, que atua na tentativa de suprimir esse movimento. A polícia agride as mulheres que participam de manifestações como a da Figura 1, persegue as ativistas e eventualmente as prende, como fazem com Maud. Dentro da prisão, a protagonista, junto com outras feministas, inicia uma greve de fome para que sejam classificadas como prisioneiras políticas e não apenas como rebeldes comuns. Essa questão demonstra o impacto da nomeação, da atribuição de signos ideológicos, para que o movimento seja legitimado como luta política, e não vandalismo. Essa greve de fome é para que o sufrágio seja “autenticado” pelas autoridades como algo maior, algo com uma causa, um desejo por uma mudança sistemática, social e política, e essa validação é representada na utilização de signos ideológicos, de palavras carregadas de valorações ideológicas para classificá-las. Aqui se nota o poder do signo de representar algo fora de si, algo maior, símbolo de lutas e causas e valores.

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente nos outros. Esses reflexos mútuos determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva, cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta precedente de um determinado campo [...] (Bakhtin, 2011, p. 297).

Numa tentativa de apagar e silenciar a luta manifestada pela greve de fome (como pode ser visto na Figura 3), os guardas da prisão tentam alimentar Maud a força, de forma violenta, prendendo-a numa cadeira, inserindo um tubo em seu nariz e derramando leite na outra ponta desse tubo. Ela tenta resistir e escapar, mas é dominada e obrigada a ingerir o leite. A cena de brutalidade gera desconforto e revolta no contemplador, e a construção visual enfatiza esse mal-estar, ao colocar o público junto de Maud, dentro de uma cela pequena, fechada e escura. Segundo Bakhtin (2011), o sujeito nunca consegue colocar-se de fato no lugar do outro, entender completamente o ponto de vista do outro, já que cada sujeito ocupa lugar único na existência, e sua visão e compreensão de mundo sempre passam por essa lente que é exclusivamente sua. Entretanto, no ato empático,



há uma tentativa do sujeito de tentar (o máximo possível) se colocar no lugar do outro, de sentir a dor do outro, de entender a realidade e a consciência do outro, mesmo que não consiga fazê-lo inteiramente. Quando a obra retrata a realidade de subjugação e da mulher dentro do sistema patriarcal, quando ele mostra de forma tão visceral a crueldade da repressão das instituições sobre essa ativista, ele provoca o público a se colocar no lugar de Maud, e de todas as outras mulheres que sofrem a discriminação e a violência do machismo; ele faz com que o público sinta (mesmo que não fisicamente) a dor que elas sentem. Este ato gera resposta empática, com essas mulheres e, conseqüentemente, sua causa, que se mostra justificada ao retratar a realidade dessa situação. Esta empatia pode se estender inclusive para o contexto atual, para as feministas que ainda lutam pela liberação das mulheres, e que ainda sofrem repressões violentas (tanto institucionais quanto sociais), já que se mostra na obra a importância da causa feminista, e o quanto foi árduo conquistar os direitos que as mulheres têm hoje, afinal, mesmo que implicitamente, existe um paralelo entre o contexto e as lutas do filme com as contemporâneas, pois o patriarcado sistemático e social ainda existe, mesmo que de outra forma.

A pouca iluminação na cena, como já mencionado anteriormente ao discorrer sobre a cena da Figura 1, cria um ambiente tenebroso e assustador, e a pouca iluminação da cena possui tom azulado (como pode ser visto na Figura 4, que é a paleta de cores da cena), que aumenta a sensação de frieza da cela e do isolamento da personagem. Simultaneamente, a câmera utiliza diferentes ângulos, focando nos pés e mãos de Maud (*prints* 7 e 13, respectivamente, da Figura 3) se contorcendo com sua dor, e em seu rosto agoniado (*prints* 5 e 14), enquanto grita e geme desesperada tentando escapar da violência que sofre. Este foco da câmera (que age como “narradora” do filme) serve para destacar para o contemplador da obra o sofrimento que é imposto a Maud, seu foco nas contorções dos pés e mãos demonstra a impotência dela ao ser vítima desta violência institucional, deixando claro para o público a intensidade de seu sofrimento assim como sua impossibilidade de fugir da situação. A cena utiliza o movimento da câmera, assim como o destaque sonoro dos gemidos de dor de Maud (em contraposição com o silêncio do ambiente) para enfatizar o martírio de Maud e gerar no público o sentimento de empatia ou compaixão, para deixar clara a crueldade da punição da mulher que se rebela contra sua própria opressão. O papel destes elementos visuais e sonoros é crucial para que não fique dúvidas no público da brutalidade (completamente desproporcional e desnecessária) das ações das instituições em resposta à luta feminista das ativistas.

Figura 3. Guardas da prisão amarrando Maud a uma cadeira e inserindo um tubo em seu nariz, para forçá-la a ingerir leite enquanto ela resiste



Fonte: Sequência de prints de tela feita pela autora: [01:18: 28], [01:18: 30], [01:18: 31], [01:18: 35], [01:18: 40], [01:18: 42], [01:18: 46], [01:18: 52], [01:18: 53], [01:18: 56], [01:18: 59], [01:19: 15], [01:19: 17], [01:19: 22], [01:19: 24]

Figura 4. Paleta de cores da Figura 3



Fonte: Adobe Colors, 2024

As agressões que essas mulheres sofrem, não apenas nessa cena mas no decorrer da narrativa, são justificadas pelo fato de que são sufragistas “arruaceiras”, e consequentemente sub humanas e inferiores, que merecem sofrimento para que sejam corrigidas e colocadas em seus devidos lugares: de mulher quieta e subserviente.

Dentro de uma estrutura social patriarcal, a mulher é colocada na posição de inferioridade, cuja existência serve para permanecer no lar, gerando e cuidando de filhos e do marido. O trabalho fora do lar é reservado para mulheres pobres, já para mulheres ricas, cabe ao marido sustentar a casa, e nessa situação o trabalho assalariado da mulher é visto como uma falha do homem, como diminuição de sua masculinidade por não conseguir cumprir sua função. Ainda mais, quando a mulher foge do molde que é presa e age de formas consideradas impróprias, não sendo silenciosa e dócil, ainda recai ao marido, como aquele que tem “posse” dessa mulher controlá-la. Em *As Sufragistas*, Sonny ouve de outros homens que “devia estar mantendo sua esposa sob controle” (como pode ser visto na citação do tempo 00:33:53 - 00:35:00). A relação entre homem e mulher nessa organização social é de opostos, o homem sendo o que tem domínio e a mulher a dominada. Segundo Saffioti, (1987, p. 29):

[...] torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida do homem macho. Mulher frágil é a contraparte do macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do homem superior.

Essa subjugação da mulher deve ser uma prática constante para que o poder permaneça na mão dos homens. Para isso há um esforço de dominá-las nas mais diversas esferas sociais: dentro do lar, pelos maridos e homens da família; fora dele, por outros membros da sociedade que a excluem e a discriminam caso ela fuja do padrão de comportamento; pela polícia, em casos mais “extremos” de desobediência, como vemos no filme. Isso é permitido não apenas por uma ideologia dominante que permeia a sociedade e promove essa dominação, quanto também por um sistema de leis que não vê a mulher como ser humano digno de direitos. Beauvoir (2019, p. 113) afirma: “o lugar da mulher na sociedade

sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.” Por isso na obra, que retrata a primeira onda do movimento feminista, há uma ênfase tão grande no sufrágio feminino, para que as mulheres possam votar e ter influência no governo, para poder criar leis que as protejam. E após milênios tendo o poder sobre as mulheres, para esses homens, perdê-lo é como uma castração (Saffioti, 1987), uma perda da condição de homem.

[O detetive que persegue as sufragistas tenta convencer Maud a denunciar as outras. Ela se recusa e tenta denunciar seu chefe para a polícia, que abusa sexualmente dela e de outras funcionárias da lavanderia, inclusive crianças. O detetive descarta a denúncia e responde]: “E você acha que alguém vai escutar uma garota como você? Que alguém se importa? Eles não se importam. Você não é nada no mundo” [00:55:06 - 00:55:19 (tradução própria⁹)].

A crença que está por trás desta conduta [de descartar denúncias de estupro] é a de que a mulher não é propriamente violentada, mas de que ela se comporta como sedutora. Na medida em que, na cabeça dos homens em geral e especificamente dos agentes da lei – policiais, juízes, promotores – a mulher é diabólica, seduzindo o homem inocente, ela é imediatamente convertida de vítima em réu (Saffioti, 1987, p. 80).

A cena transcrita (00:55:06 - 00:55:19) demonstra necessidade de lutar pela mudança legislativa em conjunção com a mudança social, já que a lei é aplicada por seres humanos, por sujeitos constituídos de ideologias que podem, numa tentativa de continuar a subjugar mulheres, ignorar o sistema, descartando denúncias de violências físicas, sexuais ou verbais. Se os sujeitos responsáveis por aplicar as leis, fazendo-as valer não veem as mulheres como pessoas dignas de igualdade e respeito, e se não há pressão da sociedade para que as leis que protegem as mulheres sejam respeitadas, essas legislações acabam perdendo poder perante denúncias de crimes ignorados. A obra demonstra isso ao incluir a tentativa de denúncia de Maud, que tenta reportar seu chefe por abusar sexualmente dela e de outras mulheres da lavanderia, ato que no contexto da narrativa já era proibido por lei. Mas sua denúncia é ignorada por um delegado que vê Maud, como sufragista, como uma mulher que merece ser vítima de violência por não se comportar da forma submissa que é imposta às mulheres, ao desobedecer às normas de conduta, ela passa a ser indigna e “precisa” sofrer para que seja colocada “em seu devido lugar”.

Por isso, a luta por igualdade e emancipação da mulher deve abranger todas as esferas da sociedade, tanto da sociedade quanto da legislação, e ao entendermos a arte como produção que reflete e refrata os valores sociais, ela passa a participar dessa luta também.

9 No original: “And do you think anyone listens to a girl like you? That anyone cares? They don’t. You’re nothing in the world.” [00:55:06- 00:55:19]

Conclusão

O enunciado artístico *As Sufragistas* (2015) retrata as realidades das mulheres que lutavam pelo sufrágio feminino durante a primeira onda do movimento feminista na Inglaterra, apresentando como as ideologias feministas e machistas entravam em embate no campo das interações sociais. Ao mostrar como certos signos ideológicos são ressignificados constantemente de acordo com os sujeitos que o utilizam e os contextos sócio-histórico-políticos em que se situam, a obra demonstra como a linguagem age como arena de embate entre valorações e ideologias manifestadas por sujeitos que assumem vozes sociais divergentes. A relação arte e vida é dialética e dialógica, ambas se influenciam e se respondem constantemente, apresentando e alterando as ideologias uma da outra, de acordo com o que produz ou consome, na grande cadeia discursiva da interação (tanto entre sujeitos quanto entre enunciados artísticos).

Apesar de se passar em meados do século XX, a narrativa permanece atual e relevante, ao mostrar como a luta por mudanças que levam a uma sociedade mais igualitária é constante. Já que, mesmo com muitas conquistas, como a de direito do voto, de participação política, e de posse, que são apresentadas na narrativa, ainda existe desigualdade no tratamento e na hierarquia social, em como a mulher é vista e condicionada, principalmente com a extrema direita ganhando cada vez mais força no mundo inteiro nos últimos anos. A obtenção dos direitos que temos atualmente foi uma luta árdua, que não pode ser esquecida; merece ser lembrada assim como as mulheres que participaram dela, servindo como exemplo para batalhas futuras.

Referências

As Sufragistas. IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt3077214/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BUTLER, J. *Who's Afraid of Gender?* Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2024.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, R. de. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 235-264.

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES Jr., A.; STAFUZZA, G. B. (org.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 287-314. Disponível em: https://www.academia.edu/41087684/O_enunciado_vervivocovisual_de_anima%C3%A7%C3%A3o_a_valora%C3%A7%C3%A3o_do_amor_verdadeiro_Disney_uma_an%C3%A1lise_de_Frozen. Acesso em: 25 maio 2024.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SANT'ANA, C. G. *Representação no cinema da luta feminista por direitos: análise bakhtiniana de Revolução em Dagenham, As Sufragistas e Mulheres Divinas*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/61a47911-3014-43a5-be8c-029b56ce7ea8>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SEGATO, R. L. *Qué es un feminicidio*. Notas para un debate emergente. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf> Acesso em: 25 de mai. de 2024.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2018.

VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.